

Desde os primeiros tempos que os homens procuram avidamente a verdade. Se bem que muitas vezes tivessem chegado a conceitos comuns, nem sempre concordaram nos critérios, e arriscaram posições num campo que parecia não transcender a semântica ou mesmo a lógica. Foi assim que muitos filósofos gregos da antiguidade começaram por procurar a verdade face à falsidade, à ilusão, e à aparência. Aristóteles, por exemplo, é um dos intérpretes desta tendência: “Dizer do que é que não é, ou do que não é que é, é o falso: dizer do que é que é e do que não é que não é, é o verdadeiro”.¹ Mesmo Platão não fugiu muito a esta concepção: “verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são”.² Porém, esta perspectiva quase meramente linguística e de correlação, nunca satisfaz plenamente a alma racional, carente de uma verdade absoluta que iluminasse todas as outras, e durante séculos a humanidade pareceu andar à deriva num mar de incertezas...

O que levou desde sempre o homem à procura deste absoluto? Ao criá-lo, Deus nele infundiu uma sede de infinito, uma constante procura de felicidade e de verdade, tornando-o, por vocação, um ser religioso: “*Anima naturaliter christiana*” — escrevia Tertuliano em sua apologia (n. 17). João Paulo II comenta a este respeito que o homem pode ser definido como aquele que procura a verdade, não deixando nunca de ir ao seu enalço, ainda que feche os olhos para a realidade e procure fabricar sua própria “verdade” subjetiva, inconsistente e contraditória.³ Porém, esta apenas lhe permitirá uma felicidade transitória e ilusória e não possuirá a estabilidade e perenidade que gozam aqueles que procuram a felicidade no Senhor, pois apenas Ele satisfará os desejos de seu coração (Cf. Sl 37, 4).

1) FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: D. Quixote, 1978. p. 291.

2) ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 994.

3) Cf. *Fides et Ratio*. n. 28.

Ao possuir em si o desejo de sobrenatural, o homem é assim convidado a sair de si próprio e torna-se passível de apreender as verdades eternas.⁴ Cumpre-se assim um desígnio de Deus ao querer “todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 4).

“*Quid est Veritas?*” (Jo 18, 38) — questionava Pilatos a Nosso Senhor. Estava ali, frente a frente, o mundo Romano pagão, saturado de divindades, e o próprio Deus feito carne, a desorientação e a dúvida filosófica do mundo antigo perante o Caminho e a Verdade, Aquele que com toda a propriedade afirmou: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8, 12). Explica-nos o sentido mais profundo deste encontro e desta pergunta de Pilatos, o historiador e pensador católico Dr. Corrêa de Oliveira:

O diálogo entre o pretor romano e a inocente vítima de sua covardia representa o diálogo entre uma época que se extinguiu, nos últimos lampejos de uma civilização decadente, e outra época que nascia no sangue e na aparente infâmia da Cruz, mas que, dentro de alguns séculos, desabrocharia numa aurora suave de doce vitória, trazendo aos homens desvairados o doce lenitivo de uma doutrina de salvação.⁵

Para o cristão, a Verdade absoluta, Deus, encarnou-Se e fez-Se homem (Cf. Jo 1, 14), possui um rosto — “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9) — e um nome, não havendo debaixo do céu salvação em nenhum outro (Cf. At. 4, 12): Jesus — o Caminho, a Verdade e a Vida (Cf. Jo 14, 6). Esta é a grande novidade do cristianismo, um Deus pessoal que entra na História, que “se fez homem para que o homem se tornasse Deus”,⁶ conforme expressão de Santo Agostinho. E quem melhor do que o Filho para dar a conhecer o Pai? (Cf. Jo 1, 18). Com efeito, escreveu o então Cardeal Ratzinger acerca desta passagem do Evangelho de São João:

4) Para Santo Agostinho “toda a verdade, enquanto verdade, é eterna; não há verdades temporais e mutáveis. Mas a fonte de toda a verdade é Deus, sem o qual não haveria verdades de nenhuma espécie. Portanto, as verdades eternas por si sós não seriam nem eternas nem sequer verdades; é mister que procedam de um foco que as engendre e as mantenha. As verdades eternas não podem ser apreendidas mediante e os sentidos, mas tão pouco mediante a razão apenas; são apreendidas pela alma quando esta se orienta para Deus e vê as verdades enquanto são iluminadas por Deus”. in: FERRATER MORA. Op. Cit. p. 295 (Grifo nosso).

5) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Opera Omnia*. V. 1. Org. José António DOMINGUEZ et al. São Paulo: Retornarei, 2008. p. 152.

6) *De Nativitate Domini*, Sermo 128; ML 39. in: S. Th. III, q. 1, a. 2, s.

As visões dos grandes iluminados da história da religião, não passam de visões à distância, ‘em sombras e imagens’. Só Deus Se conhece inteiramente a Si próprio. Só Deus vê a Deus. Por isso, só alguém que é Deus podia realmente trazer novas sobre Deus [...] todos os outros apenas logram alcançar Deus à distância [...], mesmo que possam apontar troços de estrada, não são o Caminho.⁷

Apenas a Revelação poderia trazer uma verdade plena que orientasse os homens em sua peregrinação terrena e os levasse a um seguro conhecimento, tanto quanto possível a sua natureza limitada. Comenta São Tomás de Aquino que foi necessário Deus propor ao homem aquilo que excede o seu entendimento; assim, através das coisas mais nobres e elevadas, que lhe aperfeiçoam a alma, alcança pela Fé o que não captaria pela razão.⁸

Coube então ao Filho a comunicação do que recebeu do Pai conforme o próprio Jesus atesta em sua oração sacerdotal: “Dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste. [...] Agora sabem que tudo quanto me deste vem de ti, pois as palavras que me transmitiste Eu lhas tenho transmitido” (Jo 17, 6-8). Jesus, Sabedoria eterna e encarnada, através de argumentos convincentes, de Sua presença, e da verdade de Sua doutrina e inspiração, manifesta-se visivelmente, e para confirmar a veracidade daquilo que excede o limitado conhecimento da alma racional, recorre a obras que superam a faculdade de toda a natureza — curas, milagres, ressurreições...⁹

Uma vez que a verdade revelada não oprime o homem, pelo contrário, ilumina-o e liberta-o da escravidão do erro, torna-se um convite à partilha, pois, quem é aquele que se deparando e vivendo em conformidade com ela não a deseja comunicar? É daqui que parte o espírito missionário e evangelizador, não como uma imposição que se faz aos povos, pois a verdade ordena e purifica uma cultura, uma nação, um povo. Conforme escreveu João Paulo II:

A missão não restringe a liberdade, pelo contrário, favorece-a. A Igreja propõe, não impõe nada: respeita as pessoas e as culturas, detendo-se diante do sacrário da consciência. Aos que se opõem com os mais diversos pretextos à atividade missionária, a Igreja repete: Abri as portas a Cristo!¹⁰

7) RATZINGER, Joseph. *A Caminho de Jesus: A Figura do Redentor*. Coimbra: Tenacitas, 2006. p. 70-71.

8) Cf. *Summa contra Gentiles*. V. 1. Cap. V.

9) Cf. *Idem*. Cap. VI.

10) *Redemptoris Missio*, n.39.

E é neste sentido que se apresenta o missionário, portador de uma verdade que “não se impõe de outro modo senão pela sua própria força”,¹¹ que não é a sua, mas do próprio Espírito, que os impele a dar de graça o que gratuitamente recebeu, numa dedicada entrega. Seja onde for que o cristão se apresente, “não pode deixar de proclamar que Jesus veio revelar a face de Deus, e merecer, pela cruz e ressurreição, a salvação para todos os homens”.¹² Por outro lado, o mesmo Paráclito “abre e dispõe os corações para o acolhimento da verdade, segundo a conhecida afirmação de São Tomás de Aquino: ‘*omne verum a quocumque dicatur a Spiritu Sancto est*’”.¹³

Também o filósofo e o teólogo, “a quem compete o dever de investigar os diversos aspectos da verdade”,¹⁴ assumem uma importância enorme em nossos dias, em que tantos parecem desorientados, mergulhados na confusão e nas aparências de um mundo que procura “a estrada certa para a alcançar, e nela encontrar repouso para a sua fadiga e também satisfação espiritual”.¹⁵

Com maior e acrescida responsabilidade, o teólogo é chamado a participar da evangelização, a prestar um serviço em nome da Sabedoria, e de fazer brilhar a luz de Verdade em toda a terra. De acordo com Bento XVI, ele

não cria novas visões do mundo e da vida, mas está ao serviço da verdade transmitida, ao serviço do fato real de Cristo, da Cruz, da Ressurreição. A sua tarefa é ajudar-nos a compreender hoje, segundo as antigas palavras, a realidade do “Deus conosco”, portanto a realidade da verdadeira vida.¹⁶

Através da fidelidade a esta missão que lhe é confiada, desde que caminhando nas vias da ortodoxia, recorrendo à Palavra de Deus, e filialmente sujeito à autoridade eclesiástica e ao depósito da Fé, o teólogo contribuirá para libertar o homem de tantos erros e relativismos que grassam a sociedade contemporânea.

11) *Dignitatis humanae*, n.1.

12) *Redemptoris missio*. n. 11.

13) Apud CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Nota Doutrinal sobre alguns aspectos da Evangelização*. 3 dez. 2007. n. 4.

14) JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. n. 6.

15) *Idem*.

16) BENTO XVI. Audiência Geral. 5 de nov. 2008. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/. Acesso em 25 maio 2009.

Pedimos, pois, ao Espírito Santo, para que todos os que estão empenhados na Evangelização possuam sempre diante de si as palavras de Jesus que convida ao discipulado e à fidelidade à sua Palavra: “Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres” (Jo 8, 31-32).